

Imagem do Selo Aldir Blanc Bahia / Prêmio Cultura na Palma da Mão

APOIO FINANCEIRO: Prêmio Cultura na Palma da Mão, Programa Aldir Blanc Bahia, Secretaria de Cultura, Governo do Estado da Bahia, Secretaria Especial da Cultura, Ministério do Turismo e Governo Federal.

MUTHA

VÍDEO – KELLY

Nome da entrevistada: Kelly Passos.

Entrevistador: Não identificado.

(Kelly inicia o vídeo)

Kelly: “Oi, meu nome é Kelly, Kelly Passos. Sou uma mulher trans, tenho trinta e oito anos. Estou aqui pra contar um pouco da minha história. É... A minha infância praticamente foi uma infância de terror. Então, não convém comentar tanto esse pedaço aí. É um pedaço muito dolorido pra mim e sofrido. Portanto, eu vou passar a bola. De mais, eu cabe morando na Lapinha, aqui perto. Onde eu moro hoje, e eu vi as mulheres, as meninas virando travesti, na época que não tinha trans. Na época, era travesti, e eu achava aquilo tão lindo, tão lindo que eu dizia: ‘Um dia eu vou ser assim’. Eu via aquele seio bonito, perfeito. eu digo: ‘Um dia eu vou ter o peito assim, o seio assim’. E, assim eu fui, na minha mente, descobrindo aos poucos, aos pouco. vendo aquelas menina no Largo da Solidade. Ali, eu passei a ter um pouco de aproximação com elas. Arrente conversar e tal, tal tal. E, elas perceberam, e uma delas me deram o nome de Kelly, que na época, era uma novela que passava. Chamava Salsa e Merengue. Tinha uma atriz que se chamava Kelly Bola, e como eu era um pouco mais gordinha, elas me chamavam de Kelly Bola. E aí, pegou até a data de hoje. Eu não me livre mais desse nome, e até que gosto. Tá maravilhoso assim. Depois, eu comecei a me... a ir pra pista me prostituir. Comecei no Largo do Tanque, depois eu fui pra Orla, na Manoel Dias. É... fiz programa toda a minha vida, né... não... nunca trabalhei. Nunca tive nenhum outro tipo de profissão. Até porque, não tive oportunidade pra ter alguma coisa, né. Não sentia, não sentia muita oportunidade naquela época. Se já não se tem hoje, antigamente não se tinha mesmo. Era tudo mais pior do que é hoje. Mas, aí eu viajei pra Europa, passei... dez anos da minha vida naquele lugar. Amo aquele lugar, Gosto muito, mas é um lugar também que fez muito mal, me fez sofrer bastante. Aquele lugar ali... é o lugar onde eu mais sofri na minha vida. Não que eu não tenha sofrido aqui no Brasil, hã... porque dez anos atrás, eu estava trabalhando normalmente, parou um homem pra mim. Ele acertou o programa, combinamos tudo. No caminho, ele foi meio que... querendo me levar pra um lugar que não estava combinado. não estava no trajeto. Como eu falei com ele, não me ouviu, virei o volante do carro, obriguei ele a

parar o carro, tirei a chave do contato, pra saber o que estava acontecendo. Ele começou a me agredir com palavras, me dizendo que ele fazia o que queria com as mulheres, e portanto, ele faria comigo também, o que ele queria fazer. Eu disse a ele que, ele não iria fazer simples assim. Entramos numa luta corporal. Depois, ele conseguiu puxar uma arma pra mim. Eu tomei a arma da mão dele, mas eu cometi um erro, que peço a vocês, se acontecer com vocês, não cometa. Eu tirei a bala, e devolvi a arma a ele, mas eu não sabia que dentro do porta mala, ele tinha mais munição. Quando ele carregou o revólver, eu estava a... mais de... de dez metros dele. Ele começou a atirar, um desses tiros pegou na minhas costa, perfurou o meu pulmão. Eu tive que fazer duas cirurgias, e hoje, eu tenho uma bala alojada no meu seio até hoje. E não morri, segundo os médico, por causa do meu silicone, ou seja, o meu seio, a minha prótese foi o que salvou a minha vida, porque a bala, ela percorre o seu corpo. ela não fica parada. Então, o silicone meio que parou a bala. E eu nunca vi esse homi, não conheço. Simplesmente, foi pra um programa que deu mal. Deu mal. Então, na noite você tem que saber... trabalhar. Você não pode meio que ser... ingênua, porque eles usam de todos os meio, e artifício, pra lhe ganhar, lhe conquistar, e depois lhe fazer o mal. Eu tenho outras experiências que não foi nada agradáveis, mas eu consegui superar, consegui lutar. Às vezes, você tem que fazer loucura pra você viver, mas, o que se pode se fazer? Temos que fazer. Samos mulheres trans, samos vulneráveis, e querem lhe fazer mal, simplesmente, por fazer. E, você pra se defender, você acaba fazendo mal também, mas não é escolha. Não é você querer... você ter que fazer, pra você não morrer. É simplesmente assim. E, eu digo pra vocês, que tão se descobrindo agora, e que querem... virar uma mulher trans, ou que já são psicologicamente uma mulher trans, que pra mim, se você disser que é uma mulher... pra mim, você é uma mulher trans. Se você tiver seio ou não, você é uma mulher trans. O que importa é o que você fala, o que você sente. A sua aparência física não vai me dizer nada. Você pense bem... O meu conselho é que você estude, tem estudo, que até pra varrer rua hoje, você precisa estudar. Sem um diploma na mão, sem você saber ler, escrever, você não faz nada. É como um cego no meio de um tiroteio. Você não enxerga, que você não sabe nada. Cê não sabe ler, cê não sabe escrever, você não tem outra opção, só prostituição. E, até aquelas que sabe ler, escrever, que tem profissão, não tem oportunidade. Eu conheço várias. Eu conheço enfermeiras, com diploma, e faz programa. Então, se você quer entrar nessa vida, entre. É uma escolha sua, mas saiba entrar. O meu conselho é: 'Tenha sua profissão, tenha seu trabalho. Quando você tiver a sua estabilidade financeira, a sua casa, a sua vida independente, você vai saindo aos poquinho, e vivo a sua vida, porque você entrar no mundo de peito aberto... é difícil, é complicado'. Eu, quando eu sai, eu tinha treze anos de idade. Hoje, eu tenho trinta e oito. Você imagina por quantas coisas eu num já não passei. Quantas coisas eu já vi, e já vivi. Eu andava num ciclo de amizade, que era as minhas amigas de infância. Todas foram mortas. Não tem uma viva. Salvo engano... eu e mais uma, que se chamava Naiara, Naiara Cavazaque. Só eu e ela tamos viva, e éramos um grupo de doze. Todas morreram. Foram assassinadas. Por motivos fútil, por coisas que eu até hoje eu não consigo entender. Ai você me pergunta: 'A polícia prendeu algum deles?'. Não. Não. Hoje, se você agredir, se você a... matar uma mulher trans... hoje, tem mais repercussão. Hoje, a polícia procura mostrar serviço, mas antigamente, não. Antigamente, você morreu, cabou. Como é hoje. Só que hoje é um pouco mais diferente. Hoje, mei que a polícia se importa mais com as mulheres trans. Não tem aquela violência, nem aquela turbulência de vinte anos

atrás. Não tem. Isso é fato. A polícia não tem mais aquela truculência, aquele abuso, aquela arrogância, aquela violência que eles tinha com as mulheres trans. Hoje, não tem, porque eu conheci uma mulher trans que a polícia fez ela entrar na água, em alto mar, de madrugada. Duas, só uma sobreviveu. A outra morreu afogada. Apareceu quatro dias depois, em Itapuã. E, o fato aconteceu no fim do Português, na Manoel Dias. Só por aí, você tira. Eles fazia a gente entrar no mar. Eu fui vítima várias vezes. Tive que pular, e me jogar na água. E, eles rindo da nossa cara. Como aquela... aquela praia da Orla, ela é muito... a correnteza é terrível... se você não souber nadar, e as ondas são muito violenta, você vai morrer. Você morre. Se você não se agarrar a uma pedra daquela, ficar escondida, ali, até eles irem embora, a maré lhe leva, a correnteza lhe leva e você morre afogada. Como a menina da época, que eu não me lembro o nome, mas me lembro muito bem do fato. Acabou perdendo a vida dela, e a outra, devido a ter presenciado, e vivido essa... essa... situação, ela ficou louca, porque você ia ter que ter o psicológico bom, e preparado, pra você poder suportar certos tipos de situação, que muita gente não aguenta suportar. Eu, por exemplo... eu consegui suportar tudo isso, mas não é fácil pra mim. Ainda até hoje eu me lembro de tudo que já passei, de tudo que já vi muitas meninas passar. Então, até hoje, me lembro, me questiono o porquê de tanta violência, o porquê de tanta brutalidade, gratuitamente, sem nenhum motivo. Ou até que tivesse um motivo, não dá justificativa, você reagir com violência. Eu acho que conversano se entende, se resolve os problema. Não precisa você partir pra agressão, e nem a pessoa partir pra agressão, mas infelizmente, por... pelo simples fato, de você ser diferente, que pra mim, todos são iguais, mas pra eles, somos diferentes, né. Eles acham que podem nos agredir. Então, se você abaixar a sua cabeça, você será agredida sempre. Eu posso até morrer, mas eu vou morrer lutando. Eu não vou abaixar a minha cabeça pra homem nenhum dar na minha cara. Eu não vou. Eu moro na Liberdade. Eu, quando eu vim morar aqui, eu entrava na feira pra comprar um biscoito, e um refrigerante pra ir trabalhar com as menina. Eu tomava mais de vinte tomatada, cenourada. Enfim, todo tipo de fruta pôdi que você imaginar, eles jogavam em mim. Eu tinha que voltar pra casa, tomar banho, trocar de roupa, pra sair de novo. Eu tinha que fazer todo aquele percurso, voltar pra minha casa, sendo humilhada, chorando, e não podia fazer nada. Hoje, a Liberdade é um bairro, que ele tem bastante gay, bastante mulheres trans, bastante pessoas, né... como a gente, e se vive bem. Se vive bem, mas na época que eu vim morar aqui, não. Até quando eu subia pra ir trabalhar... quando era de noite, eles jogavam saco de lixo nas minhas costas, e saco de lixo com vidro quebrado, podendo me cortar, coisas podre. E, eu fui tendo que reagir. Cada movimento dele, cada ação leva a uma reação, e eu, fui reagindo. Se violência, gera violência, né... paciência, mas eu tive que agir na violência pra poder cessar todo o meu sofrimento, quando eu vim morar na Liberdade. Hoje, se vive bem aqui. Hoje, eu não tenho o que falar, mas há vinte e poucos anos atrás, não era fácil.”

(Kelly continua sua fala.)

Kelly: "Então, é isso. Vocês tem que... ser sempre vigilante, sempre atenta, não confiar em ninguém, porque... um erro... o primeiro erro que nós cometemos é confiar no próximo. Não podemos cometer esse erro. Não que eu não acredite no amor. É lógico que eu acredito no amor. Eu não acredito é nas pessoas, porque amor só não basta. O amor ele tem que vir com

uma série de coisa, pra acrescentar, praquele amor dar certo. Quando o pessoal abre a boca, simplesmente pra dizer que te ama... sinto muito, mas eu não acredito. Eu não acredito, porque eu já vi amiga minha botar um homi dentro de casa, dizer pra mim que estava apaixonada, e a última postagem dela ser: 'Eu vou lutar pelo meu amor', e esse amor dela, dar trinta e sete facadas nela. Então, não entra na minha cabeça uma pessoa que abrir a boca pra dizer que te ama, te dar trinta e sete facada. Portanto, eu... acredito no amor”.

(O vídeo corta. Tela preta. Kelly continua...)

Kelly: “Como eu dizia, essa... essa minha colega se chamava Kate, e ela se envolveu com esse cidadão, que eu não me lembro o nome. Não faço nem questão de lembrar. Botou ele dentro da casa dela. Ele tinha problemas com a justiça. Ela acolheu ele durante três ano. Ela pagou advogado, limpou a barra dele. Ele pôde andar normal, circular pela rua... enfim, viver normalmente como qualquer pessoa vive, e não sei porquê... porque não se tem motivo pra se fazer o que ele fez. Ele deu trinta e sete facada nela. Ela fez uma feijoada, me convidou. Só que eu não fui. Sou uma pessoa muito reservada. Não gosto de festa, não gosto muito de ir na casa das pessoas. Eu meio que fico no meu cantinho, que eu prefiro. E, nesse dia, ele matou ela. Deu trinta e sete facada nela. Quando a polícia prendeu ele, que ele foi preso, o repórter perguntou: 'Como é que você faz isso, com uma pessoa que te acolheu durante três ano, pagou advogado pra você não ser preso?'. Ele simplesmente não teve o que falar, porque contra fato não há argumento. Aí ele veio com um bocado de loucura... que é porque ela tinha Aids, que foi porque ele viu o nome dele numa guidá de macumba. Ora... o menino, não sabia nem ler e nem escrever... Como uma pessoa que não sabe ler e nem escrever, vê o nome numa guidá de macumba? Que loucura é essa? Ah, porque ela passou aids pra ele. Sim... como ela passou aids pra ele? Como é que ele sabia? Cadê o exame? Por que alguém falou? Porque se supunha que ela tinha aids. Isso eu não consigo entender. Pra mim, ele fez isso de calculado, pensado. Ele... ele... ele pensou antes de tirar a vida dela. Teve tempo pá pensar, tempo pá armar, e eu... não estava dormindo com ela. Eu, por exemplo, eu não tenho relação. É... de namorar sério com ninguém, porque eu não acredito como um homem abrir a boca, e diz que me ama, ou que gosta de mim. Eu, simplesmente, não acredito. Possa a ser verdade, mas pra ele me provar que é verdade, pra eu acreditar que aquele sentimento é verdadeiro... ele vai ter que suar bastante. E, portanto, ele tem que me amar, e gostar de mim, de verdade, porque ele vai demorar bastante pra me persuadir, e me convencer. Por isso, eu vivo sozinha no meu canto. Não faço questão de ter homi do meu lado, pra nada. Porque homi na vida de mulheres trans é somente um estorvo, um peso. Amar é só você carregar na sua vida, na sua bagagem. E, quando você não tiver mais nada a oferecer a ele... ele vai lhe trocar por outra mais nova, por outra mais bonita, ou até por outra mais feia. Deixa que ela tenha alguma coisa pra oferecer a ele, porque é um jogo de interesse. Não tem sentimento ali. Simplesmente, você não tem nada. Se ele não tem nada, mas você tem um teto pra ele dormir, uma comida pra ele comer, um banheiro pra ele tomar um banho, uma cama pra ele dormir... você tem mais do que ele, sim. Portanto, ele se encosta em você. Em mim nenhum deles vai se encostar, porque eu já vi, vivi e vi o que muitas mulheres trans passou por causa de homi. Muitas estão morta. Não estão aqui pra contar o que viveram. Estão debaixo da terra, e eu não vou ser a próxima vítima de

nenhum enganador. Simples assim. Agora, pra vocês que acha que a vida de mulheres trans ou de homens trans são fácil... não tem nada fácil na nossa vida, não. Agora, se você é realmente uma mulher trans ou um homi trans, você supera e você consegue, sim. Desistir jamais. Jamais. Na nossa posição, essa frase: 'Desistir', não existe. Não existe. Temos que seguir em frente. Pra trás não se anda. O tempo não volta. Portanto, não possamos voltar também. Temos que seguir em frente. Desistir nunca. Vai sempre ter pressão de família, de vizinho, de... de seja lá quem for, mas se você botar na sua cabeça, seu destino for ser uma mulher trans, você vai ser pronto e acabou. Por quê o que? Eu já dormi em varanda. Quando meu pai faleceu, minha avó mora perto aqui da minha casa, que Deus o tenha, mas as minhas tia, fazia da minha vida, dentro daquela casa, um verdadeiro inferno na terra. Se eu fosse pegar um copo de água, elas falavam. Se eu pegasse um menô de café, elas falavam. Elas usavam termo pejorativo. 'Lá ela! Toda hora, esse viado bebe água.' Era desse jeito que elas se referiam a mim, mas era mentira. Eu abri a geladeira naquela hora, pra tomar um copo de água. Se eu pegasse o quente-frio pra pegar dois dedos de café, elas repetiam: 'Lá ela! Toda hora, esse viado bebe um café.' Acabou que fizeram a cabeça da minha avó, que era uma pessoa de idade, uma pessoa retrô... e minha avó acabou fazendo eu dormir na varanda da casa dela. Eu dormi por muitas e muitas semanas. Eu não me lembro quanto tempo, mas eu dormi bastante tempo naquela varanda. Bastante. Eu ficava me questionando por que, se tinha alguém ali dento melhor do que eu... pra eu dormir na varanda, e o pessoal dormir denti de casa, pra todo mundo comer, e eu ser a última comendo, comer resto... eu me questionava esse tipo de coisa. Aí pra completar... a minha mãe me botou no orfanato, lá na Ribeira. Eu não lembro o nome, mas eu sei que é na Ribeira. E nesse orfanato, eu sofri duzentas vezes mais, porque eu abusava pelos meninos lá de dentro. Eu era agredida. Me queimavam de cigarro. Eu peguei um trauma tão grande ali dentro, mexeu tanto comigo, que eu passei a fazer xixi na cama todas as noites. E, depois disso, as monitoras que ficavam, as responsáveis, me botou pra dormir com as crianças... foi aí que melhorou pra mim, mas eu só era protegida durante a noite. Durante o dia, não tinha mais proteção. Então, eu apanhava no pátio. Quando eu entrava no banheiro, esperava todo mundo tomar banho. Eu esperava mais de uma hora pra entrar. Quando o banheiro não tinha ninguém, eles entravam ainda assim. Me batiam, abusavam sexualmente de mim, e ninguém fez nada. Eu cheguei a fugir do orfanato. Cheguei a fugir. Cheguei a viver alguns dias, algum tempo nas ruas de Salvador. Não tenho vergonha nenhuma de falar. Dormi na rua, na Rótula do Abacaxi, dormia debaixo do viaduto. Eu era um menino, eu era uma criança. E eu não achei ninguém que me resgatasse, ninguém que me desse um apoio. Aí depois de... um ano... dois ano... meu primo, que já não está mais entre nós, que Deus o tenha, me encontrou e me levou pra casa. Minha mãe já tinha conseguido uma casa, estava com meus irmão, e me acolheu. E, eu comecei a viver ali, me sentir segura, tranquila, mas eu ainda não era um travesti, eu não era uma mulher trans. Eu era um menino, perturbado e indeciso, de tanto sofrimento que eu já vinha passado no orfanato, e pelas ruas. Pasmem vocês... vivi o inferno, porque o meu irmão mais velho tentou ter relação sexual comigo mais de três vezes. E, por eu me recusar, ele me agredia, e me agredia muito. Aí foi quando eu botei pela primeira vez, meu primeiro peito, que ainda tava com ponto, que naquela época não tinha essa modernidade que tem hoje. Ele veio pra dar murro no meu seio. O meu irmão, o do meio, mais minha mãe foi quem tirou, mas eu levei pratada, copada. Enfim... foi uma briga terrível também. Bati minha cabeça. Na quarta vez

quando ele tentou de novo ter relação comigo... não é que eu... eu... é inaceitável. Um irmão de pai e mãe tentar se relacionar sexualmente. É inaceitável. Simples assim. Simples assim. Não tem justificativa. Eu já não... eu já não acho certo primo com primo... que dirá, os irmão. E hoje... pra resumo da história, eu disse pra ele, na quarta vez, que eu contaria pra todo mundo inclusive a minha mãe. Ele parou, me deixou em paz. E, eu decidi sair de casa, fui morar com as amigas na São Martins, na Fonte do Capim. Foi aí que eu comecei a minha transição. Depois eu viajei pro Rio de Janeiro. Depois eu fui pra Recife. Depois eu retornei pra Salvador, viajei pá São Paulo, voltei pá Salvador. Fiquei anos e anos aqui, com as meninas, no mesmo lugar, na Fonte do Capim. Todas cresceram, ficaram de maior. E aí, eu fui pra Europa, achei uma proposta. Viajei pra Itália. Fiquei... bastante tempo na Itália. Fui muito cotada. É por isso que eu digo a você: 'Não confie em ninguém'. E, esse ninguém que eu digo, é principalmente da sua família, que donde arrente menos espera é que sai, ou seja, eu confiei o meu dinheiro... mais de duzentos, e poucos mil reais, na mão de minha mãe, e ela conseguiu torrar esse dinheiro. Nem eu sei como. Eu vim pro Brasil, fiquei trinta dias no Brasil, porque ela tinha acabado todo meu dinheiro. Se eu não trouxesse euro, pra poder voltar, retornar à Europa, eu não teria nada, porque ela levou todo o meu dinheiro. Um exemplor, minha avó faleceu, eu estava na Europa, ela ligou pra mim, disse: 'Cê poderia fazer o enterro?'. Eu disse: 'Faça o enterro de minha avó. Não importa o quanto custar'. Ela disse a mim que o enterro custou... milhares, e enterrou minha avó na Quinta do Lázaro. Hoje, você uma pessoa por menos de dois mil reais no mesmo lugar que ela enterrou minha avó. Então, quando a conta já não fechava. Depois, ela me disse que um mói de coentro custava cinco reais, e um quilo de cebola custava dez, e eu acreditei. Porque você tá há tantos anos naquele lugar, que qualquer coisinha que a pessoa lhe conta do Brasil, você meio que acredita. Uma amiga minha veio passar o carnaval, que me chamou, eu falei: 'Eu não vou, porque eu não gosto de carnaval. Vou ficar trabalhano'. Aí eu liguei pra ela depois de um tempo, que ela disse que ia passar três meses, passou quase um ano. Ai eu liguei pro Brasil, perguntei: 'Paloma', que ela mora em Cajazeiras. 'Paloma, cê não vai voltar pra Europa? Cê tá doida de ficar num lugar desse, onde o mói de coentro é cinco reais, e o quilo da cebola é dez?'. Ela disse: 'Oxente, Kelly! Tá louca? O mói de coentro é cinquenta centavo. A cebola é vinte centavo o quilo'. Trinta. Não me lembro na época... aí foi quando fiquei revoltada. Liguei pra minha mãe, disse absurdos a ela... e ela... é daquele tipo de pessoa que ela sustenta a mentira até a morte. Você desmascara, a máscara cai, e ela continua sustentando aquela mentira. Então, não confie em ninguém. Eu só consegui juntar um dinheiro quando eu abri uma conta no meu nome, e aí, só eu podia bulir. Ali, eu consegui. E, minha mãe hoje só tem, só tem um teto por causa de mim, porque se não fosse, ela não teria. Ela não teria. Esse meu irmão que tentou ter relação comigo, eu não falo com ele, desde essa época. Hoje, tenho trinta e oito ano. Tem mais de vinte anos que eu não falo com ele. Eu, se eu vê ele na rua... como ele mora em São Paulo, eu moro em Salvador... quando ele vem pá Salvador, eu vejo ele numa calçada... acredite em Deus, eu atravesso a rua pá passar pela outra calçada, porque só eu andar na mesma calçada com ele, ou do lado dele, me faz mal. Eu sinto uma coisa tão estranha, uma coisa tão... que me deixa tão angustiada, que eu tenho que sair de onde eu to, pra não olhar pra cara... daquele ra... desse ser humano. Se é que se pode se chamar um monstro desse de ser humano. Eu não vou chamar de animal, pra não ofender os animais, mas ele é um monstro. Uma pessoa que tenta ter relação sexual com um irmão... ele é

um... um... um monstro. É inaceitável isso. Então, tudo se resume nisso aí. Vocês têm que... que ter sabedoria. O que que não vai faltar? Eu tenho trinta e oito ano. Eu não bebo, eu não tenho vício de droga. Nunca usei droga, porque vai aparecer milhares de cliente, pra lhe oferecer uma linha de cocaína, pra lhe oferecer um baseado pra você fumar, porque o primeiro eles lhe dão, o segundo e o terceiro, você tem que comprar pra você e pra ele, que ele lhe viciou. Então, é um conselho que eu dou: 'É péssima ideia, você se entregar a droga ou a cachaça, nesse mundo da prostituição ou na noite, porque você vai morrer. E bem rápido'. Porque a droga, ela não libera ninguém, ela não dispensa ninguém. E, quando chega o momento que você não usa mais a droga, é a droga que lhe usa, é o fundo do poço. E ali, você morre. Eu já vi muitas morrerem assim, por causa da droga, mas eu aqui... nunca gostei. Não gosto, e não... num... não tenho. Qual é a graça que a pessoa tem de cheirar uma linha de cocaína e fumar um baseado? Não que eu nunca tenha provado. Provar, eu já provei, porque pra você dizer que não gosta de alguma coisa, você tem que provar. Cê simplesmente não pode abrir a boca e dizer: 'Não, eu não gosto disso'. Você tem que dizer o porquê você não gosta daquilo. E eu provei. Se eu tô dizendo que não presta é porque não presta... Na Europa, eles pagam até duzentos euros, cada linha que você cheirar. Faça o cálculo! Cada linha que você cheirar, você ganha duzentos euros. Multiplique por seis. Veja quanto você vai lucrar. Mas no final, você não vai lucrar nada. Você só perde, porque você vai ganhar aquele dinheiro. Como eu já saí com amigas minhas, colegas minhas lá... e simplesmente o homi pagar quatro mil a mim, quatro mil a ela. Eu, com a minha casa, pagar as minhas contas, botar uma parte no Brasil, e ela, chegar na minha porta, onze hora do dia, horário local da Europa, me pedindo dinheiro emprestado. Simplesmente ela tinha gastado quatro mil euro, em menos de vinte e quatro horas, se drogando, porque lá um papel de cocaína é cinquenta euro. Ai faça as conta! Porque lá não tem crack como aqui, mas tem cocaína à vontade. Então, de cada dez italiano, nove cheira cocaína. De cada dez, nove usa droga. Então, cabe a você se policiar e não cair, que quando você cai na droga, você não sai. Eu conheço que lá estão, e lá estão até hoje enterrada, porque não conseguiram se libertar da droga. Aí quando... pensa em voltar pro Brasil, a gente junta, tentamos juntar... fazer uma vaquinha pra comprar passagem pra ela vir pro Brasil... ela simplesmente não tinha nada no Brasil. Eu disse pra ela: 'Num é vergonha você recomeçar. Num é vergonha você erguer sua cabeça, você tem vida, você tem saúde, você reconquista tudo de novo. Basta você querer que força de vontade. Escorregar não é cair, é um jeito que o corpo dá'. Mas pra ela é... foi... era vergonhoso. E ela preferiu continuar naquele lugar, e perder a vida dela drogada, dentro de um contêiner, no inverno rigoroso da Europa. Ela acabou morando dentro de um contêiner com mais três, e ela morreu de overdose. A outra também morreu atropelada, e só resta agora, até onde eu sei, só duas vidas. Todas que eu conheço morreram assim. Então, se você já entra nessa vida usando droga... cê vai achar muita droga, que o que não falta na noite é droga, mas aí você vai se dar de mal. Cê vai se queimar, você vai acabar com a sua vida. Simples assim."

Entrevistador: Como é sua vida agora?

Kelly: "Hoje... eu resido aqui na Liberdade, Salvador, Bahia. Eu tenho minha paz, porque a paz, ela não tem preço. O que adianta você ter... cê ter um caminhão de dinheiro, se você não tem

paz? Eu não sou rica. Apesar de ter vivido muitos anos na Europa, eu não sou rica. Não almejo riqueza também. Eu quero viver bem, e quero ter a minha paz. Graças a Deus, na medida do possível, eu vivo bem, e eu tenho a minha paz. Então, não tenho problema com ninguém, eu ando de cabeça erguida. Eu não sou homofobia, nem transfobia em lugar nenhum que eu vá. As pessoas pensam que eu sou mulher, e me trata como tal. E, como eu mereço ser tratada, porque eu sou uma mulher trans. Uma pessoa quando ela... eu não fiz a retificação de documento... quando tenho que apresentar meu documento, as pessoas me questiona: 'Cadê fulano?'. E aí, eu fico, dou aquela pausa assim... digo... Eu acho até graça porque pra mim... eu fui fazer retificação de nome, falam: 'Daqui a uns dois meses', que é pra tá lá pra tirar, mas pra mim não faz muita diferença, não. Porque o que eu sou não vai mudar, independente de me chamar de a, de b, ou de c. Aí quando a pessoa pergunta: 'Cadê fulano?' eu digo: 'Fulano sou eu, meu amor'. 'Ah, me desculpe, me desculpa'. Eu digo: 'Não tem problema nenhum'. E nem por isso eu vou deixar de ser uma mulher trans. Nem por isso, mas eu vou fazer a retificação de nome, tudo direitinho. Na hora certa, falta pouco tempo. Eu vou fazer. Enfim... eu vivo tranquila. Eu desço aonde eu quero, eu vou aonde eu quero. Não tenho problema com ninguém, não tenho problema com outras meninas trans. Nenhum. Nenhum. Me dou bem com todo mundo. Vivi em Recife. Recife foi um lugar maravilhoso pra se trabalhar. Tem muito bofe. É uma delícia. É um lugar pra viver. Rio de Janeiro também é maravilhoso, mas pra quem sabe viver. Porque se você vai pra esses lugar, aí você tem que pagar a diária. Em São Paulo, na época que eu fui, era trinta por dia, hã. Era novecentos reais por mês. Só pra você morar. Comida e outras coisas, outras coisitas mais, é por sua conta e risco. E, você ainda tem que ter dez reais pra inteirar, pra ir trabalhar com as meninas... se não... você fica a ver navios. São Paulo é a maior cidade do país. Só por aí, você tira, que não é simples assim viver ali. E sendo que você mora num prédio lotado de mulheres trans. Então, se você não souber entrar e souber sair... lá você pula, lá mesmo você fica. Nego lhe dá um fim lá mesmo como eu já vi várias de Salvador ficar por lá mesmo. Fora isso... se você tiver sua cabeça centrada, se você tiver um foco, um objetivo, que primeiro pra você saber pra onde você quer chegar, você tem que saber de onde você veio. Se não, você não tem um objetivo. Se você não olhar pra trás, de onde você veio, você não sabe onde você quer chegar. Eu sei muito bem de onde eu vim. Eu sei muito bem o que eu passei. Eu sei muito bem o que eu sofri. Por isso eu sei pra onde eu quero ir. Aonde eu quero chegar. Por isso, eu estou aqui, tranquila. Num tenho problema com ninguém. Tenho minha paz, que a paz não tem preço. Continuo morando no mesmo lugar, porque é uma hipocrisia terrível. Aquelas mesmas pessoas que me agredia, me procurava, pra ter relação comigo. Então, a população me trata de um jeito, porque tem os amigos do lado, né... eles são homens, aí não pode mostrar, aquela coisa, aquela aparência pros zoto ver, mas de noite, escondido, eles vem aqui. Só que eu sou... daquele tipo, né... porque eu falo. E, cê sabe quando uma mulher trans fala, eles acredita na mulher trans. E assim eu fui derrubando um por um. Fui botando um por um no lugar deles. Quando vinha na minha casa, na primeira oportunidade, que eu via a patotinha, eu parava e falava: 'Ah, você agora tá... Tá... tá fazendo chacota porque eu to passando, mas ontem quando cê tava lá em casa. Você fez alguma chacota?'. Aí eu comecei a encurralar um por um. Aí acabou. Entendeu? Simples assim."

Entrevistador: Você teve alguma referência para sua vida e se sim qual?

Kelly: “Sobre referência...pra eu me espelhar em alguém... eu não tive. Eu não tive, porque meu pai era... um ogro, né... ele tinha um ódio mortal, de gay, de travesti, de negro. E, ele me mantinha preso numa corrente. E minha mãe só podia abrir essa corrente pra eu ir no banheiro e mais nada. Depois, me acorrentava de novo, porque se ele chegasse, me encontrasse sem a corrente, ele me espancava, espancava minha mãe. E, ele já chegou a deixar meu olho assim... de murro, de... de... é... ele era motorista de ônibus. Tinha um salto, uma bota, tipo assim um... taco. Era um taco. A palavra certa era um taco. Ele dava com aquele taco de madeira no meu olho. Meu olho ficava assim... eu apanhava de fio discascado. Eu ficava... toda lapiada, sangrando. Então, não tinha o que fazer, e minha mãe era outra vítima, coitada, porque ela muitas vezes apanhava pra eu não apanhar. Ela, muitas vezes, tomava murro pra eu não tomar. E, devido a tanto sofrimento que minha mãe passava, e via eu passar, que eu tenho seis irmãos, mas o único que ele fazia isso era eu. Os outros não sofria nada, mas ele simplesmente... ele encucou, encucava, na época, que eu era, e eu uma criança. Eu não tinha nem descoberto ainda, mas ele já tinha me descoberto, porque ele me espancava e prendia numa corrente. Aí quando minha mãe saiu de casa, que a gente ficou morando só com ele, porque ele não deixou nem minha mãe levar o vestido da formatura dela. Minha mãe é professora... formada. Ela tinha um vestido de formatura lindo. Ele cortou todo de tesoura. Nem o vestido da formatura de minha mãe, ele deixou ela levar. E a gente morava no Largo da Solidade, bem perto da Liberdade, na Lapinha. E arrente começou a viver com ele só. Ele arranjou uma outra mulher, botou dentro de casa. Como ele tinha mania de bater em mulher, que ele batia muito na minha mãe... ele bateu nessa criatura. Ele bateu nela, e ela virou pra mim um dia, e me disse: ‘Fulano, seu pai me bateu a primeira e a segunda. A terceira ele não vai bater mais em mim, e nem em mulé nenhuma.’ e assim ela fez. Um sábado antes de carnaval. Eu não lembro o ano, eu era muito pequeno, era uma criança... Ele foi pro aniversário da mãe dela, no Rio Vermelho, que ela morava na época, no Rio Vermelho. E... ele não voltou pra casa. Minha irmã mais velha achou estranho. Eu, mais ainda. Inclusive ele tinha saído. Ele deixou eu fora da corrente, disse que eu podia brincar, e ele era aquele tipo: ‘Você tem que entrar nove e meia’. Se arrente entrasse nove e trinta e um, todo mundo apanhava, mas eu era é o que apanhava mais. Ele dizia: ‘Eu não quero você aqui nove e vinte e nove, nem nove e trinta e um. Eu quero aqui você aqui nove e meia’. Se você chegasse um minuto atrasada ou atrasado, você apanhava. A minha irmã, por causa de um minuto, ele cortou o cabelo dela todo. A gente morava no São José do Passo, no Barbalho. A gente tava brincando no Instituto dos Cego, quando arrente voltou, ele tava dentro de casa. Eu já comecei a me tremer de medo. Ele pegou minha irmã, ele cortou o cabelo dela todo, por causa de um minuto de atraso. Só por aí, você tira como esse ser humano não era. Pronto. Essa minha madrasta, ela deferiu tantos golpes de garrafa nele. Ela tirou a vida dele, ela matou ele, que ela disse: ‘Ele bateu em mim a primeira, a segunda, a terceira ele não bate nem em mim e nem em mulher nenhuma’. E foi o que aconteceu. Deduzo eu, segundo testemunhas, que viram o acontecido... Tem um médico que morava num prédio, desceu pra prestar primeiros socorros pra ele, disse que ele deu uma tapa no rosto dela. Quando ele deu essa tapa no rosto dela, ela não era capaz de tirar a vida de meu pai. Isso eu tenho certeza. Ela sozinha, ela não conseguiria simples, porque meu pai era faixa preta de karatê. Meu pai era graduado em capoeira. Então, não era simples pra uma

pessoa agredir meu pai. Meu pai sabia lutar artes marciais, karatê, capoeira e etc... meu pai sabia, e muito bem, mas, segundo relatos de testemunhas, que presenciaram do alto dos prédios... dois homi deram uma gravata nele, e ela fazia assim... ela rasgava ele todo de garrafa, mas ela destruiu ele, de uma tal maneira, que pra enterrar ele, você só conseguia ver os olhos e o nariz, porque até aqui o queixo, estava completamente aberto. Não tinha carne, não tinha pele, não tinha...só via o osso. Tô dizendo porque vi. Vi... meu irmão, eu e minha mãe teve que vestir o corpo dele. Meu avô não teve condições, quando ele viu. E depois, de anos ela matou outro homem. Ela dopou e matou outro homem. Aí foi que se soube, que era ela uma esquizofrênica, e que meu pai, e esse home que ela matou... e ainda tinha mais outro. Foi o terceiro. Ela matou três homens. Ela ficou no manicômio judiciário... se não me engano, por cerca de três ou quatro anos. E a última que soube, ela tava vivendo normalmente. Integrada à sociedade como uma pessoa normal. Uma esquizofrênica.”

(A fala chega ao fim e o vídeo se encerra.)